



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
ESCOLA DE MÚSICA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM MÚSICA – LICENCIATURA

**ENSINO COLETIVO DE TECLADO: um estudo
realizado na escola de música da IEADERN**

JEMIMA DE MOURA CARVALHO FEITOSA

NATAL
2012



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
ESCOLA DE MÚSICA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM MÚSICA – LICENCIATURA

JEMIMA DE MOURA CARVALHO FEITOSA

ENSINO COLETIVO DE TECLADO: um estudo realizado na escola de música da IEADERN

Monografia apresentada ao curso de graduação em música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciada em música

Orientador: Jean Joubert de Freitas, Dr.

NATAL
2012

Catálogo da Publicação na Fonte
Biblioteca Setorial da Escola de Música

F311e Feitosa, Jemima de Moura Carvalho.
Ensino coletivo de teclado: um estudo realizado na Escola de Música da IEADERN / Jemima de Moura Carvalho Feitosa. – Natal, 2012.

52 f. : il.; 30 cm.

Orientador: Jean Joubert de Freitas.

Monografia (graduação) – Escola de Música, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2012.

1. Educação musical - Monografia. 2. Ensino - metodologia - Monografia. 3. Instrumentos de teclado – Monografia. I. Escola de Música da Igreja Evangélica Assembleia de Deus. II. Freitas, Jean Joubert de. III. Título.

RN/BS/EMUFRN

CDU 78:37

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
ESCOLA DE MÚSICA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM MÚSICA – LICENCIATURA

JEMIMA DE MOURA CARVALHO FEITOSA

**ENSINO COLETIVO DE TECLADO: um estudo realizado na
escola de música da IEADERN**

Monografia apresentada e aprovada em: ___ de _____ de _____, pela banca
examinadora composta pelos seguintes membros:

Jean Joubert de Freitas, Dr.

Orientador

Regiane Hiromi Yamaguchi, Dra

Examinador

Valéria Carvalho da Silva, Dra

Examinador

NATAL
2012

Eu te louvarei, porque de um modo terrível, e tão maravilhoso fui feito; maravilhosas são as tuas obras, e a minha alma o sabe muito bem. Os meus ossos não te foram encobertos, quando no oculto fui feito, e entretecido nas profundezas da terra. Os teus olhos viram o meu corpo ainda informe; e no teu livro todas estas coisas foram escritas; as quais em continuação foram formadas, quando nem ainda uma delas havia. E quão preciosos me são, ó Deus, os teus pensamentos! Quão grandes são as somas deles! Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração; prova-me e conhece os meus pensamentos.

(Salmos 139:14-17 e 23)

AGRADECIMENTOS

Toda honra e glória ao meu Deus autor e consumidor da minha fé!! A ELE toda a minha gratidão, dedicação e amor.

Agradeço a Deus por ser meu amigo em todo tempo, por ser meu porto seguro, por ser meu mestre, por cuidar de mim em cada detalhe. A Ele dedico minha vida e o meu louvor. Sim, agradeço a Deus por tudo o que ELE fez e faz por mim, por todas as oportunidades que me concedeu e principalmente por ter mandado seu único filho, Jesus, que chorou, sofreu e morreu para que hoje eu pudesse viver feliz e livre, aguardando o dia em que Ele virá para nos buscar. MARANATA!!!

Agradeço aos meus pais, Aldefran e Fátima, meus mestres e amigos. Por terem dedicado grande parte de sua juventude para criar a mim e ao meu irmão, por terem passado noites acordados, por terem renunciado tanto de suas vidas por nós, por terem me ensinado a ser forte, por terem me apoiado e me ajudado a tomar tantas decisões. Agradeço pela amizade que temos e por vocês serem os pais que são. Cada orientação foi de grande valia. Obrigada por terem tanta paciência em nos ensinar sobre a vida, por terem me apresentado ao Senhor Jesus e por terem me ensinado que nEle a minha vida está segura.

Agradeço ao meu irmão, Jonathas, que me atura e anda comigo pra cima e pra baixo. Agradeço por ser meu amigo, meu cúmplice e por me ajudar tantas vezes. A você Joninha por tanta dedicação, ideias legais e me mostrar tantas novidades. Valeu!!!

Ao meu querido Harlyson que com tanta paciência me escuta quando estou precisando falar, é meu ombro amigo quando estou triste e me coloca pra cima e me fazer sorrir quando ninguém mais consegue. Agradeço por todo esforço e empenho dedicado a mim. Obrigada por seu amor. Agradeço por ter me ajudado a renunciar e tantas saídas para que eu pudesse terminar este trabalho, por estudar comigo tantas vezes e por acreditar que em Deus irei realizar meus sonhos.

A Monaci e sua família, por terem acreditado que seria possível concluir mais essa etapa. Pelo investimento e ajuda em tantos momentos. Não vou esquecer do que você fez por mim.

Agradeço a todos os professores que fizeram parte da minha formação. À Socorro Luna por ter me incentivado a estudar música, por ter acreditado em mim, nunca esquecerei de Jubal

(O violoncelo que você comprou pra que eu tocasse na Orquestra Filarmônica Juvenil Ágape). Ao professor Ailson Saraiva, que me fez ver música com outros olhos. Ao professor Emerson Alencar sempre me dando oportunidade de crescer sem esquecer de dar boas gargalhadas com as coisas sérias da vida, à Kátia Campos que acreditou em mim; em fim a vocês a minha gratidão por ajudaram crescer pessoal e profissionalmente.

Aos meus professores da graduação, que dedicam suas vidas ao ensino.

Ao prof. Dr. Jean, meu orientador que, mesmo sendo tão atarefado, dedicou tanto de seu tempo para concretização deste trabalho. Obrigada!

Aos professores que farão parte da banca examinadora, por disponibilizarem parte do seu tempo (que é muito corrido) para ler e avaliar este trabalho. Obrigada!

Aos meu maestro, Pr Daniel e sua família que nos ensinam a servir melhor ao Senhor e por deixarem as portas do departamento de música sempre abertas. Se não fosse o trabalho que por vocês é realizado com tanto carinho na obra do Senhor, este trabalho não teria sido realizado.

Ao meu líder e amigo, Pb. Guilherme e a sua família que está sempre ao nosso lado, nos ajudando, aconselhando e ensinando. Agradeço a Deus por vossas vidas, pela dedicação e zelo com que nos tratam.

Ao meu gerente Edivaldo Barbosa e aos colegas de trabalho que compõe a equipe CGI, Vitória (Mamis), Creso, Souza, Willamis e Isabel (Bel bel). Obrigada por acreditarem em mim. Obrigada pela compreensão, força, ajuda e pelas gostosas gargalhadas nos momentos de descontração. Agradeço a Deus pela vida de cada um de vocês e oro para que o Senhor continue abençoando a cada um.

Aos amigos e irmãos que cresceram comigo em graça, conhecimento, presepadas e afins (risos). Em especial a Yuri Soares (Pimpão), Débora Luna (Suspy), Camila Luna (Mila), Dase Luisa (Taxinha), Lucinha (ela gosta de Lucinha mesmo), Naama Maia (Nems), Débora Mendes (Debrinha), Luan, Anny, Rafalea Bulhões, Mariela, Mileny, Tomas, Priscila Gomes, Fábio Machado, Jason, Helaine, Fábio, Ana Paula, Sérgio (e família), Binho, Ruthynha, Sofia e aos que eu não citei, também agradeço por me ajudarem e acreditam em mim.

Aos meus colegas de curso com quem compartilhei bons momentos de discussões calorosas e boas risadas. Deus continue abençoando vocês.

Em fim a todos os que não pude citar nestas duas páginas, mas agradeço por estarem comigo sempre. Deus continue abençoando a todos.

RESUMO

O presente trabalho realizou um estudo na escola de música da Igreja Evangélica Assembleia de Deus no Rio Grande do Norte com o objetivo de mostrar a relevância do ensino coletivo de um instrumento musical para o desenvolvimento do aprendizado. Para tanto, foi realizado um levantamento de dados através da aplicação de questionários para o professor de teclado e para 16 dos 26 alunos do curso de teclado da escola de música. A Pesquisa investigou como acontecem as aulas coletivas de teclado, analisando a metodologia aplicada em sala pelo professor, seu papel dentro do ambiente de aprendizado, a percepção que os alunos têm de seu próprio desenvolvimento musical, a questão da interação e da autonomia dos alunos em sala e a construção de um ambiente colaborativo de aprendizado. Evidenciou-se que, mesmo em um ambiente heterogêneo, onde interesses e objetivos pessoais no aprendizado musical são variados, a metodologia utilizada pelo professor atende às necessidades da turma, uma vez que as respostas dos alunos foram positivas quando questionados se estavam satisfeitos com o que lhes era ensinado e forma de como era ensinado. Conclui-se, portanto, que este trabalho conseguiu atingir seu objetivo central, visto que os dados coletados e analisados evidenciaram a importância do ensino coletivo para a aprendizagem musical.

Palavras chave: Metodologia de ensino; ensino coletivo de instrumento musical; desenvolvimento musical.

ABSTRACT

This research conducted a study at the music school of the Assembly of God Evangelical Church in Rio Grande do Norte aiming to show the relevance of collective classes of a musical instrument for the development of learning. For this, a survey was conducted with the aid of a questionnaire for the keyboard teacher and for 16 out of his 26 keyboard students of the music school. The survey investigated how the keyboard group lessons happen, analyzing the methodology applied in the classroom by the teacher, his role within the learning environment, the self-perception that students have of their own musical development, interaction and autonomy of students in the classroom and the construction of a collaborative learning environment. It was evident that, even in a heterogeneous environment, where personal interests and objectives are varied in musical learning, the methodology used by the teacher accords to the needs of the group, since the students' responses were positive when asked if they were satisfied with what they was taught and how it was done. Thus, it can be concluded that this research has achieved its main objective, since important points were raised and evaluated regarding the collective learning and data analyzed show how collective learning relevant to the students' musical development.

Keywords: Teaching methodology, collective teaching of musical instrument, musical development.

LISTA DE TABELAS

TAB 01. Dados do Professor.....	31
TAB 02. Dados dos Alunos.....	35

LISTA DE GRÁFICOS

GRAFICO 01. Estudou em outra Instituição.....	36
GRAFICO 02. Já Teve Aulas Individuais.....	36
GRAFICO 03. Você pretende continuar estudando música.....	37
GRAFICO 04. Você gosta de ter aulas em grupo.....	37
GRAFICO 05. Você acha que o ensino em grupo atrapalha seu desenvolvimento musical.....	38
GRAFICO 06. Os seus colegas colaboram para o seu aprendizado.....	38
GRAFICO 07. na sua opinião Não aprender algum dos conteúdos tem a ver com o fato das aulas serem em grupo.....	39
GRAFICO 08. Na sua opinião, o professor consegue dar atenção a todos os alunos?	39
GRAFICO 09. Você está satisfeito com o que é ensinado?.....	39

SUMÁRIO

CAPÍTULO I	11
INTRODUÇÃO.....	11
Objetivos gerais.....	12
Objetivos específicos.....	12
Justificativa da pesquisa	12
Relevância da pesquisa.....	13
Metodologia da pesquisa.....	13
CAPÍTULO II.....	15
CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENSINO COLETIVO DE INSTRUMENTOS MUSICAIS	15
Um breve histórico sobre o ensino coletivo	15
Principais aspectos do ensino coletivo	15
O ensino coletivo.....	16
O que é ensino coletivo?	17
Princípios e metodologias do ensino coletivo	19
Dificuldades na prática do ensino coletivo	20
CAPÍTULO III	21
O ENSINO COLETIVO DE TECLADO NO DEPARTAMENTO DE MÚSICA DA ASSEMBLEIA DE DEUS NO RIO GRANDE DO NORTE-RN	21
A música na Igreja Evangélica Assembleia de Deus no Rio Grande do Norte - IEADERN	21
Escola de música da IEADERN no templo central.....	25
As aulas de teclado.....	26
Perfil do professor	28
Perfil dos alunos.....	29
CAPÍTULO IV.....	30
VERIFICAÇÃO DOS DADOS LEVANTADOS	30
CONCLUSÃO	41
REFERÊNCIAS.....	43
APÊNDICE.....	45

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

Grande parte das escolas de ensino de música especializada trabalha o ensino individual do instrumento musical com seus alunos. Nessas aulas onde o professor é a pessoa que passa todo o conhecimento e o aluno é aquele que recebe, tem-se a ideia de formar *virtuosis* da música. Esse tipo de ensino dificulta, muitas vezes, o desenvolvimento do aluno e o trabalho de alguns professores que não têm paciência para começar a ensinar do zero.

Ao observar as escolas de música especializadas, é possível perceber que apenas uma minoria da população tem acesso a educação musical. Um dos fatores que influencia nessa segregação é que a maior parte da população não tem condições financeiras para frequentar uma aula de música particular. Em muitas escolas de música o valor da hora/aula é muito alto, deixando muitas pessoas que tem vontade de aprender do lado de fora do ambiente musicalizador.

Outro problema encontrado é a carência de docentes, ou seja, muitos alunos para poucos professores. Este é um fator que também dificulta o acesso das pessoas às escolas especializadas, desta forma, o ensino coletivo oportuniza a inserção de mais pessoas nas escolas de música e a participação desses alunos em grupos de estudo coletivo.

O ensino coletivo, ou em grupo, pode ser definido como a prática de aprender juntos, aprender com o outro.

Para o professor desta modalidade de ensino cabe a elaboração de estratégias e a constante busca de métodos e meios para a formação de um programa que o ajude a conduzir sua turma. Bem sabemos que quando se fala em ensino em grupo podemos evidentemente visualizar que o professor precisa ter sensibilidade para entender que seus alunos são diferentes e cada um busca um objetivo. Desta maneira seu trabalho precisa abranger toda a turma de forma que nenhum seja prejudicado.

Assim pode-se perceber que o ensino coletivo na educação musical colabora para o desenvolvimento da autonomia, pois neste espaço o aluno está sendo preparado para o momento individual. Além disso, o ensino coletivo possibilita uma maior abertura para alunos que possuem maior dificuldade na execução instrumental.

Diante do exposto este trabalho objetiva mostrar a importância do ensino coletivo de instrumentos musicais, a partir de um estudo realizado com os alunos de teclado de turmas

iniciantes e intermediárias da escola de música da Igreja Evangélica Assembleia de Deus do Rio Grande do Norte (IEADERN), templo central.

Deste modo, este trabalho está dividido em quatro capítulos principais. No capítulo inicial temos a parte introdutória do trabalho, seus objetivos gerais e específicos, a justificativa da pesquisa, a relevância desta pesquisa e a metodologia utilizada para o levantamento dos dados. O segundo capítulo é composto por uma breve explanação sobre as principais questões do ensino coletivo, como um breve histórico sobre o ensino coletivo, sua definição, métodos e principais dificuldades. No terceiro capítulo é exposto um breve histórico sobre o Departamento de música da IEADERN, o perfil do professor e dos alunos entrevistados. No quarto capítulo temos a apresentação e análise dos dados levantados durante o período da pesquisa e as considerações sobre cada análise. Por último são apresentadas as considerações finais sobre o trabalho realizado e a conclusão.

Objetivos gerais

O objetivo geral da presente pesquisa é identificar a relevância da prática do ensino coletivo de um instrumento musical, baseado na análise de dados realizada através de questionário durante as aulas de teclado no Departamento de música da Igreja Evangélica Assembleia de Deus do RN, Templo central.

Objetivos específicos

- Identificar a metodologia utilizada pelo professor nas aulas coletivas de instrumento;
- Analisar as impressões dos estudantes sobre o seu desenvolvimento;
- Identificar os pontos relevantes relacionados ao ensino coletivo do teclado.

Justificativa da pesquisa

Um dos principais motivos que levou a pesquisadora a realizar a pesquisa foi o fato de ser oriunda de uma escola de música especializada e ter experimentado as modalidades de ensino, individual e em grupo. Em sua experiência a pesquisadora observou que teve melhor desenvolvimento nas aulas em grupo enquanto enfrentou dificuldades nas aulas individuais.

Outro fator que contribuiu para a realização desta pesquisa foi a oportunidade e facilidade de acesso às aulas de teclado, já que atualmente a pesquisadora faz parte da Orquestra Filarmônica Gênesis, é membro da IEADERN, templo central, e foi parte do corpo docente da escola de música desta mesma instituição.

O fato de ter tido oportunidade de estagiar com as turmas de teclado, ter visto o desenvolvimento e conhecer os alunos também influenciou na escolha deste tema.

Por entender que a educação coletiva de um instrumento musical é um tema bastante discutido e pouco aceito em algumas escolas, este trabalho contribuirá para que se perceba a importância e relevância desta modalidade de ensino.

A carência de pesquisas sobre o ensino coletivo de teclado foi outro motivador para a escolha deste tema, visto que grande parte dos artigos e estudos encontrados para embasamento teórico deste trabalho são voltados para o ensino de cordas.

Relevância da pesquisa

Acreditamos que a relevância desta pesquisa está em apresentar resultados concretos de análises realizadas através de instrumento de coleta de dados que mostram a realidade do ensino de teclado e a situação do desenvolvimento dos alunos deste instrumento, para que, caso haja necessidade sejam elaboradas sugestões de melhoria para que se alcance um melhor desempenho nas aulas.

Outro ponto, não menos, importante é a contribuição para o desenvolvimento pessoal e profissional da pesquisadora que desenvolveu o trabalho, pois este estudo serviu para ampliação de sua visão no tocante ao ensino coletivo e agregando valores a sua prática docente.

Metodologia da pesquisa

Caracterização da pesquisa

Os métodos de uma pesquisa podem ser quantitativos e/ou qualitativos (BRITO, 2012). Para esta pesquisa utilizamos as duas abordagens. Na perspectiva quantitativa aplicamos o modelo *Survey* que compreende a obtenção de dados ou informações sobre características, ações ou opiniões de determinado grupo de pessoas, [...], por meio de instrumento de pesquisa, normalmente questionário [...] (FREITAS et al, 1999, p. 1). Neste caso utilizamos questionários com questões abertas e fechadas. As questões abertas permitiram uma análise qualitativa que, segundo Günther (2006), é baseada em textos, ou seja, a coleta dos seus dados produzem textos hermeneuticamente mais ricos, possibilitando o pesquisador obter e/ou confrontar interpretações.

População e Amostra

Compreende a população desta pesquisa, o professor de teclado das turmas do sábado da Igreja Evangélica Assembleia de Deus do RN templo central e dezesseis alunos do curso de teclado. A amostra, portanto, foi de dezesseis pessoas entrevistadas.

Esta população foi escolhida pelo fato dos entrevistados apresentarem maior propriedade para responder os questionamentos abordados neste trabalho, já que vivenciam a prática do ensino (professor) e aprendizagem (alunos).

Dados e Ferramentas de coleta

Os questionários foram elaborados com base nas observações realizadas durante o trabalho e nos principais aspectos levantados por estudiosos da área. O questionário aborda questões sobre como os alunos e o professor visualizam o ensino em grupo e quais as principais dificuldades encontradas. O questionário enviado ao professor foi elaborado com perguntas abertas que segundo Babbie (1999), dá ao respondente a oportunidade de dar a sua própria resposta. Para os alunos foi elaborado um questionário com perguntas fechadas pois dão maior uniformidade às respostas e são mais facilmente processadas (BABBIE, 1999)

CAPÍTULO II

CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENSINO COLETIVO DE INSTRUMENTOS MUSICAIS

Um breve histórico sobre o ensino coletivo

O ensino coletivo de instrumentos musicais vem, há algumas décadas, ganhando espaço no Brasil. Alguns pesquisadores acreditam que o ensino coletivo tenha se iniciado na Europa, sendo levado posteriormente aos Estados Unidos, que após a Guerra Civil com a expansão da música na Europa, iniciaram a formação de bandas e orquestras com a finalidade de suprir as necessidades da alta demanda da dança e da música popular. No final do século XIX foi registrado um declínio das práticas coletivas nos Estados Unidos, pois muitos professores se opunham a essa prática. Com o início da primeira guerra mundial surge a “Murdoch and Company of London”, empresa do ramo de venda de instrumentos musicais que difundiu a ideia de ensino coletivo voltado para violino. Oliveira (1998) conta que esta empresa instituiu o ensino coletivo de violino nas escolas formais, dando início ao que hoje chamamos de ensino em grupo. Este autor acredita que a prática coletiva de instrumentos musicais passa por altos e baixos, tendo grande aceitação em alguns momentos e dificuldades em outros.

No Brasil os primeiros relatos sobre o ensino coletivo descrevem as primeiras bandas musicais dos escravos no período colonial e posteriormente das bandas oficiais, grupos de choro, fanfarras, entre outros, que ainda não se preocupavam com a sistematização da pedagogia musical. Essa preocupação surgiu apenas na era Vargas com o surgimento do canto Orfeônico, através de Heitor Vila-Lobos que se tornou interventor federal do Rio de Janeiro. Porém apenas em 1950 surgiram iniciativas voltadas para o ensino coletivo com o professor José Coelho de Almeida que utilizava como experimento a formação de bandas de música formada por trabalhadores de fábricas.

Assim, até hoje a trajetória do ensino coletivo vem sendo trilhada e pesquisada para comprovar a eficiência e eficácia desta prática e refinar as metodologias abordadas nesta modalidade de ensino.

Principais aspectos do ensino coletivo

É possível utilizar neste campo de pesquisa os ensinamentos de Vigotsky (1989) no que diz respeito à interação e à consequente partilha de conhecimento entre os alunos, visto que o ensino da música, assim como qualquer conhecimento ou habilidade, é fundamentado pelas noções de troca de saberes e experiências. Vigotsky contribui, através da teoria da zona de desenvolvimento proximal, segundo a qual o nível ideal de aprendizado é alcançado quando o professor fornece ao aluno um conhecimento de nível imediatamente superior ao atual. Além disso, os menos experientes acabam sendo beneficiados através da interação com os mais experientes em uma situação de troca de conhecimentos. Nesse contexto, os mais habilitados desempenham papel de mediador entre os menos experientes e o conhecimento, auxiliando o professor em um espaço em que impera o princípio da colaboratividade. Os mais experientes, em contrapartida da transmissão de seus conhecimentos, são beneficiados com a fixação destes, uma vez que a situação empírica de partilha solidifica a aquisição do conhecimento, além de estimular a motivação por participar de um ambiente de ensino colaborativo em que seus conhecimentos e suas habilidades são úteis na construção do conhecimento partilhado.

Trataremos neste capítulo sobre as concepções do ensino coletivo de um instrumento musical, tomando como referência trabalhos publicados e a experiência de professores da área. Para entendermos melhor sobre o assunto levantaremos alguns questionamentos que nortearão nossa percepção sobre esta modalidade de ensino.

O ensino coletivo

Alguns professores de música que atuam em escolas especializadas, universidades e conservatórios não acreditam na eficiência e eficácia do ensino coletivo. É compreensível que muitos desses educadores ainda desacreditem nesta modalidade de ensino, pois reunir duas ou dez pessoas em um mesmo horário e lugar, tocando juntos sem transformar em um ensaio, é um pouco difícil de visualizar.

Grande parte dos conservatórios e escolas especializadas ainda veem a aula prática de um instrumento musical muito individual, onde na sala devem estar apenas o professor e o aluno. Para tal ainda utilizam meios de seleção muito rígidos que sempre excluem iniciantes ou pessoas que nunca tiveram contato com um instrumento musical. “Esta percepção de ensino se contrapõe a metodologia do ensino coletivo que mostra que na prática coletiva é possível compartilhar conhecimento, espaço e que a interação e diferença são partes importantes do aprendizado” (TOURINHO, 2007, p. 1).

Um professor que ministra aulas individuais defende a ideia de que só obterá resultados se o aluno estiver só. Enquanto que no ensino coletivo percebemos que o aluno aprende não só com o “mestre”, mas com o meio, da mesma maneira que ele aprende a andar, falar, comer, desenvolvendo hábitos que são estimulados pelo entorno social.

Fortalecendo a teoria de que o ensino coletivo possibilita muito mais que conhecimento e técnica, no Brasil alguns nomes como Cristina Tourinho, Maria Isabel Montandon, entre outros, utilizam o ensino coletivo como método eficiente do início do aprendizado instrumental, mostrando que o ensino coletivo de um instrumento musical é uma ferramenta importante para a socialização e democratização do aprendizado musical. Segundo Tourinho:

A concepção de ensino coletivo está aqui conceituada como transposição inata de comportamento humano de observação e imitação para o aprendizado musical. Professores de ensino coletivo levam em consideração o aprendizado dos autodidatas, que se concentram inicialmente em observar o que desejam imitar. A imitação está focada no resultado sonoro obtido e não na decodificação de símbolos musicais (TOURINHO, 2007, p.2).

Assim percebemos que para o ensino coletivo a forma de selecionar e “educar” musicalmente os alunos é bem diferente, pois, primeiramente, os alunos são selecionados a partir do seu interesse em aprender, mesmo que não pretendam seguir profissionalmente e depois trazer a concepção que o aprendizado se dá não somente pelo falar, ou pelo tocar, mas que a observação e a socialização são fatores fundamentais para a construção do conhecimento.

O que é ensino coletivo?

Encontrar a definição para o termo ensino coletivo não é tarefa simples. Entretanto, é mais fácil entender o que não é ensino coletivo. Segundo Montandon (2004):

[...] a aula de instrumento que coloca vários alunos juntos (muitas vezes para economizar tempo), com um tocando determinado repertório padrão enquanto os outros escutam não é 'ensino em grupo' ou 'aprendizagem em grupo' mas aulas individuais dadas em grupo. Por que? Cito dois critérios que considero 'básico', dentre outros: na aula em grupo, todos devem estar envolvidos e ativos todo o tempo, mesmo que com atividades diferentes. Segundo, tocar bem é o resultado de uma musicalização bem desenvolvida [...] (MONTANDON, 2004, p.4)

Nas metodologias modernas, o pensamento sobre o processo de ensino e aprendizagem modificou principalmente os papéis desempenhados no ambiente de sala de aula. Não se trata mais apenas de um ajuntamento de pessoas e de um processo de fala e

escuta. O professor torna-se um facilitador do acesso entre o aluno e o conhecimento a invés de um transmissor. Além disso, ele estimula a interação entre o produto do conhecimento obtido entre este e os alunos e entre estes entre si. Os alunos tornam-se atores ativos no processo, pois eles irão interagir com o novo conhecimento e partilhá-lo entre os demais.

O dicionário Aurélio (FERREIRA,2004) define coletivo como: “Que abrange ou compreende muita coisas ou pessoas; Pertencente a muitos [...]”(). Refletindo sobre as considerações de Montandon e a definição do dicionário Aurélio (FERREIRA,2004) pode-se entender que recrutar alunos, coloca-los juntos em sala de aula, começar a falar e pedir que toquem, não pode ser considerado ensino em grupo. Como visto anteriormente, para que se considere ensino coletivo é necessário que na sala de aula haja interação e interesse em aprender. Desta forma é possível compreender que sem que haja transformação de ambiente e de papéis, o mero ajuntamento de pessoas na sala de aula não caracteriza o processo de ensino e aprendizagem nos preconizado nos moldes atuais.

Quando o dicionário Aurélio (FERREIRA,2004) define coletivo mostra o conceito de coletividade como sendo o que pertence a muitos, entendemos que o ensino coletivo pertence a todos os alunos presentes na aula mesmo que executando atividades diferentes, então podemos definir ensino coletivo como a ação de oportunizar acesso igualitário ao ensino musical a todos os alunos do grupo.

Para o desenvolvimento do ensino coletivo é importante ressaltar que cada aluno tem sua particularidade, assim o professor precisa ter sensibilidade e perceber como cada aluno reage as atividades. Assim, os alunos da turma não precisam necessariamente estar executando a mesma atividade, o importante que é que todos estejam ligados e com o mesmo propósito. Um professor que opta pelo ensino coletivo deve buscar estratégias para garantir que seus alunos interajam uns com os outros e com o professor.

Outra concepção importante à cerca do ensino coletivo é a interação aluno/professor e aluno/aluno. Na primeira, percebe-se que o aluno fica á vontade para questionar e errar sem medo. Já a interação entre os alunos ocorre quando trocam conhecimento e quando juntos tentam solucionar um problema decorrente das atividades o que muitas vezes faz com que descubram coisas novas, assim, é possível perceber que, no ensino coletivo é possível compartilhar tanto conhecimento quanto espaço sendo a interação e a diferença componentes importantes do aprendizado (TOURINHO, 2007). Então, entendemos que:

O ensino em grupo possibilita uma maior interação do indivíduo com o meio e com o outro, estimula e desenvolve a independência, a liberdade, a responsabilidade, a auto-compreensão, o senso crítico, a desinibição, a

sociabilidade, a cooperação, a segurança e, no caso específico do ensino da música, um maior desenvolvimento musical como um todo (CRUVINEL, 2005, p. 80).

Princípios e metodologias do ensino coletivo

Para os alunos iniciantes conhecer, sentir o instrumento e saber suas funcionalidades é fator fundamental. A observação aos movimentos do professor e o acompanhamento também são levados em consideração. Apresentaremos dois princípios da prática do ensino coletivo.

- **Todos podem aprender a tocar um instrumento**

Acreditar que qualquer pessoa pode aprender a tocar é fundamental para a prática do ensino coletivo, pois a seleção dos alunos passa de um “você está dentro e você está fora”, para um teste de nivelamento. Onde os alunos podem ser inseridos em turmas mais avançadas ou turmas iniciantes.

- **Acreditar que todos aprendem com todos**

Para Tourinho,

O professor é modelo, quem toca com facilidade, enquanto que os demais colegas atuam como espelhos, refletindo (ou não) as dificuldades individuais do grupo. Assim é possível observar/comparar/avaliar a si mesmo sem necessidade de intervenções verbais explícitas. Mesmo porque no ensino coletivo, como no tutorial, o professor corrige e incentiva muitas vezes demonstrando com o instrumento em vez de falar. Uma das habilidades aprendidas é a capacidade de não interromper uma performance coletiva enquanto se corrige individualmente, usando o olhar, um sorriso, um toque (TOURINHO, 2007, p.3).

Acreditar na capacidade de aprendizado e de influência que os alunos podem exercer sobre os outros é de fundamental importância para esta prática de ensino. Um aluno mais avançado pode mostrar aos outros de maneira simples que todos podem acompanhar e chegar ao mesmo nível.

Uma característica importante no ensino coletivo é que:

A partitura no ensino coletivo ou não está presente nas aulas iniciais, onde o trabalho é feito por imitação, ou é apresentada de forma funcional, isto é, serve para um resultado específico e imediato. Junto com musicalizar está implícito o conceito de desenvolver a percepção auditiva mais do que decodificar símbolos musicais (TOURINHO, 2007, p. 2).

Não apresentar inicialmente os códigos ou símbolos musicais fazem parte da metodologia aplicada por professores do ensino coletivo, com o intuito de desenvolver a

sensibilidade e a percepção, pois o aluno não passa a concentrar-se apenas na partitura, mas concentra-se na música que está executando .

Planejar para o grupo é outra metodologia importante e que deve ser levada em consideração. No planejamento devem ser considerados cada momento da aula e o ritmo de cada aluno. Observar se o conteúdo ministrado serve para todos os alunos e ter a sensibilidade de visualizar como cada um irá receber as informações dentro das suas dificuldades e limitações.

Dificuldades na prática do Ensino Coletivo

Com relação às dificuldades, é perceptível, que a heterogeneidade do grupo de alunos demanda uma percepção mais aguçada da realidade de seus alunos por parte do professor. Esse esforço adicional exige o planejamento de uma aula em que os interesses da coletividade precisam ser alcançados. Por se tratar de um campo de conhecimentos em que é difícil mensurar as habilidades de cada um (às vezes, essa mensuração acaba por ser subjetiva, limitada à simples observação), é difícil conseguir reunir um grupo no qual seus integrantes possuam um nível de conhecimento e habilidade com o instrumento similares. Assim sendo, dependendo do grupo, uma aula pode trazer o novo a uns, provocando seus interesses e motivação, mas pode ser repetitivo para outros, pois, por desconhecimento por parte do professor, estes já podem ter o domínio do conteúdo e/ou não tiveram seus interesses alcançados.

Outro aspecto a ser observado é que cada aluno tem um tempo, um tempo para captar a ideia que é passada pelo professor, um tempo para processar e para reproduzir. Entendendo isso o professor precisa entender e moldar, se assim podemos dizer, suas aulas para que atenda todos os alunos.

Por se tratar de um campo que demanda mais que mero conhecimento teórico, mas também um envolvimento emocional com o conhecimento adquirido e a performance executada, pode ficar prejudicada a exploração do lado emocional do ensino da música quando a motivação de algum integrante do grupo não é explorada devido as dificuldades citadas anteriormente. O conhecimento precisa ser passado de forma natural, interessante, harmoniosa.

CAPÍTULO III

O ENSINO COLETIVO DE TECLADO NO DEPARTAMENTO DE MÚSICA DA ASSEMBLEIA DE DEUS NO RIO GRANDE DO NORTE-RN

A música na Igreja Evangélica Assembleia de Deus no Rio Grande do Norte - IEADERN

A música sempre esteve presente no meio evangélico, afirma Souza (2009), quando diz que:

de modo geral, a música sempre esteve presente de modo significativo nos cultos das igrejas evangélicas, como parte do serviço litúrgico. Uma das características da Reforma Protestante feita pelo monge agostiniano e teólogo Martinho Lutero, em 1550, na Alemanha, foi de levar os fiéis a participar no serviço litúrgico, fazendo uso do canto congregacional. Até então a socialização do ritual litúrgico musical era restrita aos monges e coralistas (SOUZA, 2009, p. 17)¹.

A música no meio evangélico tinha a finalidade evangelizar pessoas, em movimentos que são conhecidos até hoje como Cruzadas Evangélicas (SOUZA, 2009, p. 18). Cruzadas são cultos que acontecem, geralmente, ao ar livre onde as pessoas escutam mensagens bíblicas. Por sua vez as músicas cantadas precisavam ser de fácil interpretação para que o ouvinte conseguisse entender a mensagem que era cantada, desta forma a música evangélica, durante o seu processo de formação, assimilou vários elementos oriundos da música popular, o que a converte num fenômeno complexo e dinâmico (SOUZA, 2009, p. 18).

A Igreja Evangélica Assembleia de Deus, surgiu com a vinda dos missionários de origem Sueca Gunnar Vingren e Daniel Berg que desembarcaram em Belém do Pará.

Segundo Souza, Já(já) a Igreja Assembléia de Deus, fundada em 1911, em Belém, Pará, possuíam coros que cantavam em uníssono, pois poucas eram as pessoas que tinham uma formação musical acadêmica ou conservatorial. As bandas marciais foram bastante comuns em suas igrejas (BRAGA,1960 apud SOUZA, 2009, p. 19).

¹ Priscila Gomes de Souza, maestrina titular do Coral Infante Juvenil Sementinha e regente auxiliar da Orquestra Filarmônica Evangélica Gênesis e professora de música no município do Natal/RN- data: 03/10/2012. Pesquisou e publicou dados em sua monografia (Ver referências)

O movimento pentecostal, como era chamado, chegou ao Rio Grande do Norte em 1918, que foi fundada pelo pastor José Estumano de Moraes, que veio do Belém do Pará. O primeiro culto foi realizado no dia 13 de janeiro de 1918 na residência do soldado Luiz de França. O primeiro templo foi inaugurado em 1920 época em que a igreja era, muitas vezes, impedida de realizar cultos e proclamar o evangelho (IEADERN, 2012).²

A IEADERN cresceu e se tornou uma das maiores denominações do RN. Sediada no centro do Bairro do Alecrim, ela consegue atuar com membros de todas as faixas etárias através de departamentos³ que realizam trabalhos específicos com as pessoas que fazem parte deles. O Departamento de música da Assembleia de Deus (DEMAD) atua e dá suporte em praticamente todos os seguimentos da igreja, preparando músicos para tocar nos eventos patrocinados pela igreja.

A música na IEADERN

Com o acontecimento de cultos e eventos da igreja, percebeu-se a necessidade da presença de músicos, pois a igreja crescia muito. Assim, começaram a contratar músicos para tocar durante as festividades, o que não agradava muito aos pastores, pois os músicos não tinham vínculo com a igreja (SOUZA, 2009, p. 26).

A primeira sede do templo da IEADERN, inaugurado em 13 de janeiro de 1924, foi na Rua Amaro Barreto, no bairro do Alecrim, em Natal (RN) e no dia 24 de janeiro de 1937 tem-se a inauguração do novo templo passando este a se instalar à na Rua Manoel Miranda nº1425, até hoje endereço sede da IEADERN(SOUZA, 2009, p. 24).

Assim um grupo formado por músicos que tocavam sob a regência do pastor Nelson Bezerril, participavam dos cultos e festividades da igreja mesmo antes da formação oficial da banda, tanto na capital quanto por todo o estado do RN.

A Banda de Música da Igreja Evangélica Assembleia de Deus do Templo Central, foi resultante de um movimento musical vivido na época em que a igreja em Natal vivia um crescimento e desenvolvimento, quando por ocasião sediou na década de 1930 a 1ª Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil- CGADB [...] (SOUZA, 2009, p. 24).

² Fonte: IEADERN, Site oficial da Assembleia de Deus no RN.

³ A IEADERN realiza trabalhos específicos com todos os membros das igrejas de crianças à idosos. Assim dividem em Departamento Infantil (DEPIN), Departamento Feminino da Assembleia de Deus (DEFAD), Departamento de Senhores da Assembleia de Deus (DESAD), Departamento de Jovens da Assembleia de Deus (DEJAD), Departamento de Idosos através do projeto Águia, departamento de música da Assembleia de Deus (DEMAD) entre outros que realizam trabalhos específicos.

Percebeu-se então a necessidade da oficialização da banda de música da IEADERN. No dia primeiro de agosto de 1954, o Pastor Nelson Bezerril fundou a Banda de Música da Igreja Evangélica Assembléia de Deus em Natal-RN, com 32 componentes do sexo masculino (SOUZA, 2009, p. 25).

Os músicos que faziam parte da banda em sua maioria eram do sexo masculino e tinha oportunidade de estudar música nas igrejas, escotismos, na escola e música da UFRN e nas forças Armadas (SOUZA, 2009, p. 26). Somente em 1974, as mulheres passaram a fazer parte da banda, pois eram incentivadas a estudar música na igreja para fazerem parte do coro e só depois entrarem na banda.

Orquestra Filarmônica Evangélica Gênesis (OFEG)

A banda de música do templo central, como era conhecida, foi fundada em 1954 pelo maestro Nelson Bezerril e tocava aos domingos, em batismos e em ocasiões especiais, como as festas da igreja. Com as mudanças políticas, sociais e o avanço tecnológico, houve a necessidade de realizar algumas mudanças no meio musical evangélico.

Para atrair jovens músicos foram introduzidos muitos hinos avulsos (extra hinário oficial da igreja, ou seja, a Harpa Cristã), em estilos musicais que tinham maior aproximação com o gosto musical dos jovens da época. Além do que foram introduzidos instrumentos musicais como a bateria, o contra-Baixo, o teclado (sintetizador) e a Guitarra elétrica (SOUZA, 2009, p. 32).

Assim, mudanças mais bruscas no meio musical evangélico aconteceram principalmente a partir da década de 1980, quando foi adotada a nova roupagem de banda, introduzindo novos instrumentos e novos ritmos ao seu repertório (SOUZA, 2009, p. 32).

Só depois, a “banda de música do templo central” tornou-se banda Gênesis, quando os seus componentes decidiram o nome através de um sorteio. Este novo nome dava a entender, para os componentes desse grupo, um princípio, um nascimento de um novo estilo de grupo musical que proliferaria, sem dúvida, nas outras congregações de Natal (SOUZA, 2009, p. 33). Neste tempo o pastor Abinoam Praxedes iniciou um trabalho de reestruturação da banda inserindo instrumentos como saxofones, madeiras, guitarra baixo e bateria.

Até esta época a banda era formada por instrumentos de sopro, e instrumentos elétricos, os mais modernos. Em 1997, ao assumir a Orquestra, o maestro e pastor Daniel Batista iniciou a segunda reestruturação para inclusão de instrumentos de cordas e mudanças no estilo musical e formação dos músicos, ele reabriu os cursos de música, visando a renovação e aumento da quantidade de componentes da orquestra.

As cordas (Violino, Viola e Violoncelo) passaram a compor a banda em 1999, participando dos ensaios uma vez por mês quando tocavam junto com a antiga formação, metais e base.

Apenas no dia 26 de Março do ano 2000, a banda Gênesis passou a se chamar Orquestra Filarmônica Evangélica Gênesis. Num período de dez anos, ou seja, desde a sua formação, o número de componentes da OFEG, passou de 28 para 137, tendo 90% dos componentes iniciado seus estudos na Escola de Música da própria igreja (SOUZA, 2009, p. 36).

Atualmente a Orquestra conta com a participação de cento e dez músicos efetivos, nem todos possuem formação musical superior ou técnica, mas grande parte iniciou seus estudos musicais na escola de música do DEMAD.

No ano de 2012 a igreja completou setenta e quatro anos do início do movimento musical, cinquenta e oito anos de fundação da banda de música e doze anos da nova formação para Orquestra Filarmônica Evangélica Gênesis - OFEG.

Orquestra Filarmônica Evangélica Gênesis De Alunos (OFEGAL)

A Orquestra Filarmônica Evangélica Gênesis de Alunos (OFEGAL) é a continuação do estudo de música. Fundada em 2002 pelo maestro Daniel Batista, iniciou os ensaios/aulas com 36 alunos e funciona como uma extensão das aulas práticas, sendo um espaço para o desenvolvimento e prática em grupo dos alunos, além de desenvolverem a leitura das partituras, experiência em uma orquestra.(SOUZA, 2009). Os ensaios da OFEGAL acontecem uma vez por semana e dela são selecionados os músicos que participam da Orquestra Filarmônica Evangélica Gênesis (OFEG).

A OFEGAL atende cerca de quarenta alunos todos os anos, preparando-os para tocar em grupo e em público, fazendo-os praticar o que é aprendido em sala de aula. O maestro elabora partituras mais simples para que todos os alunos possam acompanhar o ensaio. A OFEGAL conta com a presença de monitores, músicos da Orquestra Gênesis que ajudam os alunos durante os ensaios.

O Departamento De Música Na IEADERN

O Departamento de Música da Assembleia de Deus (DEMAD), foi fundado em 1995 na gestão do pastor João Gomes da Silva e em 1997 assume o recém chegado maestro Daniel Batista, que veio transferido de São Paulo para Natal. Ele e sua família se empenharam no

trabalho de reestruturação e organização do Departamento. Após esse feito fundou, junto com sua esposa, Eunice Gomes, a escola de música da IEADERN.

Escola De Música Da IEADERN No Templo Central

A Escola de música foi fundada pelo Pastor Nelson Bezerril. Durante a pesquisa, entrevistamos a professora e maestrina Priscila Gomes de Souza, que nos informou que não se tem uma data exata da fundação da Escola de música, mas sabe-se que com a vinda do maestro Daniel Batista à Natal, houve a reestruturação do Departamento e da Escola.

Reestruturada no ano de 1997, pelo Maestro Daniel Batista e sua esposa Eunice Gomes, a escola de música do DEMAD tem como objetivo principal ensinar os membros, congregados da igreja e outros que queiram aprender música para compor os diversos conjuntos, grupos musicais, orquestra, atendendo a uma demanda interna e de pessoas de outras denominações e igrejas (SOUZA, 2009, p. 40).

Grande parte dos alunos que compõem a escola de música são membros das congregações em Natal e/ou em municípios vizinhos. A escola é aberta a comunidade, não fazendo nenhum tipo de distinção religiosa.

Os alunos têm três meses de aulas práticas, sendo uma aula por semana com duração de uma hora e meia cada aula, totalizando 12 aulas. Ao final das aulas eles fazem uma prova teórica para então escolherem o instrumento que irão tocar.

A escolha do instrumento fica a critério de cada aluno. Nas aulas práticas o aluno desenvolve escalas, trabalham-se métodos, repertório. Quando aluno estiver executando um repertório simples, e encaminhado para prática de conjunto, este trabalho é feito na Orquestra Filarmônica Evangélica Gênesis de Alunos (OFEGAL), de que falaremos mais adiante (SOUZA, 2009, p. 40).

Como afirma Souza, os alunos das aulas práticas que desejam ter a prática e a vivência da prática de conjunto são encaminhados para OFEGAL.

As aulas teóricas e práticas da escola de música são ministradas por adultos e jovens, ex-alunos, que hoje fazem parte da OFEG. Um ponto importante a ser observado é que grande parte dos alunos das primeiras turmas passaram pela OFEG e hoje ajudam em congregações⁴ dos diversos setores⁵ da IEADERN.

⁴ Congregações: Diversos templos espalhados pela cidade.

⁵ A IEADERN dividiu suas congregações em áreas e em setores com o objetivo de melhor administra-las, assim uma determinada área abrange um número de bairros e um bairro pode ter um ou mais setores e cada setor tem de 5 a 7 congregações. Hierarquicamente os pastores das congregações respondem aos pastores de setor e estes respondem a administração maior da IEADERN.

São exigidos para ingressar na escola de música que o aluno saiba ler, escrever e realizar operações matemáticas. Ter idade mínima de oito anos e não tem limite de idade, pois a escola acredita que adultos e terceira idade também são capazes de aprender no seu próprio ritmo (SOUZA,2009, p. 41).

A pesquisa realizada por Souza em 2009, mostra que:

Desde o ano de 1997 e até 2009 já frequentaram o Curso Básico de Teoria Musical aproximadamente 2000 alunos. Destes 80% continuaram, ingressaram nas práticas de instrumentos musicais, prática básica de canto ou prática básica de regência. Destes 80%, aproximadamente equivalente a 1600 alunos. Dos 1600 alunos 40% escolheram prática básica de canto ou regência equivalente a 640 alunos. Do total 1600 alunos , 60% escolheram prática de instrumentos equivalente a 960 alunos. Destes 960 alunos, 30% escolheram prática de violão , 15% prática de violino, 5% prática de teclado , e 10% os demais instrumentos (SOUZA,2009, p. 46).

Segundo entrevista a Souza (2012), a escola de música atualmente atende cerca de duzentos alunos todos os anos.

As aulas de teclado

As aulas de teclado são semanais e tem duração de uma hora. Os horários das aulas são variados e são de acordo com a disponibilidade do professor e do aluno; assim o aluno marca com o professor um horário que se encaixe em sua agenda.

Dentro da sala de aula estão dispostos seis teclados, sendo que um deles é utilizado pelo professor. As aulas iniciam com um momento de recapitulação dos conhecimentos passados na aula anterior em conjunto o professor trabalha toda a parte de aquecimento corporal. Esta primeira etapa dura cerca de dez minutos. Para recapitular o conteúdo que foi passado, o professor pede para que todos toquem juntos a música que foi estudada.

O professor relata o início da sua aula falando que:

As aulas possuem 1 hora de duração e são semanais. Por ser um tempo relativamente curto, busco otimizar o tempo que temos. O modelo de aula foi trazido do curso de letras e tem se mostrado bastante eficaz. Cada aluno possui seu instrumento com fones de ouvido para serem usados nos momentos de descobertas individuais. Geralmente, as aulas começam com um aquecimento, que é um trabalho de recuperação dos conhecimentos passados nas aulas anteriores atrelado a preparação da parte física do corpo para os movimentos musculares que serão requisitados durante a aula. Como exemplo, essa etapa pode ser feita com a revisão de uma música já passada e que será continuada / aprofundada na aula. Dessa forma, recupera-se o que se aprendeu na aula anterior e prepara-se a musculatura dos dedos para a performance na aula. Essa etapa dura cerca de 10 minutos. Os alunos usam

os fones de ouvido para não atrapalhar os colegas. (DAVID HARLYSON⁶, 2012).

Após essa primeira etapa da aula, uma nova música é apresentada ao aluno. Vale salientar que o professor escolhe a música de acordo com o objetivo da aula, ou seja, se naquela aula ele pretende ensinar arpejos, a música escolhida é uma que possua o maior número de arpejos possíveis. Contrariando as metodologias tradicionais de ensino, que defendem a ideia de apresentar a teoria e depois a prática, o professor apresenta a música e vai ensinando os alunos a tocarem, quando eles estão em um nível relevante, ele apresenta o conceito.

Essa ideia é também defendida por Oliveira (1998) quando enfatiza que:

Na aprendizagem humana, o indivíduo primeiro aprende a falar para depois saber ler. Isso facilita o processo de aprendizagem da leitura, já que os símbolos partem de uma prática musical. No processo inverso, o símbolo, para o aluno, não possui significado concreto, nem utilização Imediata (OLIVEIRA, 1998, p. 62, apud CRUVENEL, 2005, p. 76).

Para o professor esse momento é importante para que o aluno faça suas descobertas sobre o que foi apresentado. Ele ressalta que:

Esse momento serve para que o aluno faça suas “descobertas” sobre o conhecimento novo apresentado e levante hipóteses sobre como executá-lo. Em seguida, vem a parte de levantamento das hipóteses, da verificação da veracidade de cada uma e da construção dos conceitos. Todos participam ativamente, despertando assim a motivação, a autonomia e a construção colaborativa do saber. Para exemplificar, costumo passar para os alunos uma música que traga alguns conhecimentos novos para eles. Deixo à vontade para executá-la e levantar hipóteses de como lidar com o que ele ainda não conhece. Depois, fazemos um levantamento com todo o grupo sobre os pontos novos e construímos o conceito de cada um deles. Essa etapa dura cerca de 20 minutos. A etapa seguinte é a de retorno ao conhecimento apresentado no início. Ele não é mais novo, pois os alunos, colaborativamente, procederam à descoberta desse conhecimento. Agora é o momento de executá-lo. Nesse momento, o papel do professor é de “passear” pela sala e dedicar um tempo a cada um para sanar as possíveis dúvidas ou corrigir os erros, se for o caso. É o caso de um acorde novo que os alunos descobriram como ele é formado no momento da verificação das hipóteses levantadas. Agora, na fase de retorno à execução, é a hora de verificar se ele consegue tocá-lo satisfatoriamente. Essa etapa também dura cerca de 20 minutos (DAVID HARLYSON, 2012).

⁶ DAVID HARLYSON é o professor de teclado do departamento de música da IEADERN.

Após o processo de descoberta e de treino ele pede para que todos os alunos executem a música juntos e vai fazendo as correções necessárias. Ele expressa isso falando que:

A etapa final é a de execução em conjunto. São os 10 minutos finais da aula. Nesse momento, procedemos ao “teste final” da performance. Os alunos retiram seus fones de ouvido e começamos a tocar em conjunto. A partir daí, tanto o professor como o próprio aluno verifica se de fato ele conseguiu internalizar o conhecimento e executá-lo no instrumento de maneira satisfatória. Aos que não conseguiram, são propostas medidas corretivas para que o faça em casa. Na semana seguinte o ciclo reinicia no momento da revisão, pois os que conseguiram tocar de maneira satisfatória terão os 10 minutos iniciais para lembrar o que foi passado na aula e os que não conseguiram terão esse tempo para mostrar ao professor o progresso conseguido em casa (DAVID HARLYSON, 2012).

Dessa maneira ele conduz suas aulas e caso um dos alunos não tenha conseguido progredir, ele continua o seu programa dando a devida atenção àquele que não obteve a progressão desejada.

Perfil Do Professor

O professor de teclado da escola de música do DEMAD é licenciado em Letras com habilitação na língua francesa e em língua portuguesa. Seu primeiro contato com a música foi na escola de música da IEADERN, em 1997. Nesta época, segundo o professor, o curso teórico tinha duração de um ano e após o aluno escolhia o instrumento que iria estudar. Por influencia da mãe, ele decidiu estudar telado, porém estudou poucos meses pois não se adaptou à metodologia aplicada pela professora da época. Quando parou, guardou o teclado por alguns dias, mas resolveu voltar a estudar em casa, sozinho, pois gostava do instrumento. Inspirado pelo pai, que trouxe uma revistinha musical ele começou a procurar material de estudo para aperfeiçoamento musical, assim procurou autores como Nelson Faria, Antônio Adolfo, Almir Chediak, buscando embasamento teórico para continuar seus estudos. Sozinho iniciou o estudo da harmonia, da improvisação, do arranjo e orquestração. Desde então, tem buscado aprimorar sua performance no instrumento.

Entrou na Orquestra no ano de 1999, com aproximadamente dois anos de estudo. Nesta época tentou voltar a estudar com ajuda de um professor que era o tecladista da orquestra. Nesse mesmo ano ele foi convidado para participar do recital de Natal e a partir dai ingressou oficialmente na OFEG, onde toca até hoje.

No ano de 2003, a escola de música tinha uma demanda muito alta de alunos que procurava(m) aprender teclado e a escola dispunha de apenas um professor. Então a

coordenação da escola convidou o atual professor para fazer parte do quadro de professores. Em 2004, ele precisou se afastar por motivos familiares, voltando a dar aula em 2009, após o término da sua graduação em Letras.

Perfil Dos Alunos

O grupo que procura a escola de música da IEADERN é heterogêneo e com interesses variados. As turmas são mistas e com idades variadas, ou seja, crianças estudam com adultos e idosos.

Alguns alunos procuram a escola com interesse em aprender a tocar o instrumento. Estes passam por todo o processo de musicalização, que inicia com as aulas teóricas e entram para a turma de instrumento. Dentro deste grupo que não tem nenhuma experiência musical e procuram aprender desde o início, observamos interesses variados. As crianças geralmente são levadas pelos pais que desejam que os filhos aprendam um instrumento e os jovens geralmente se interessam pelo instrumento porque querem tocar em bandas ou em grupos. Os adultos e idosos geralmente procuram para ocupar o espaço livre e para continuarem exercitando a memória.

Os alunos que já tem alguma experiência musical, geralmente buscam a escola para aperfeiçoar sua performance e/ou em busca de acúmulo de conhecimento. Esses alunos geralmente estão em turmas específicas para alunos mais avançados, porém se o aluno não tiver disponibilidade para entrar em alguma dessas turmas mais avançadas ele pode ir para uma turma iniciante. Nestes casos o professor adequa suas aulas para que atenda as necessidades de todos os presentes.

Desta forma o trabalho é feito de modo a agrupar as pessoas de acordo com o nível em que se encontram e com os interesses musicais.

CAPÍTULO IV

VERIFICAÇÃO DOS DADOS LEVANTADOS

Análise de dados

O procedimento de coleta de dados foi dividido em duas partes: o questionário aplicado para o professor e os questionários respondidos pelos alunos.

A abordagem de pesquisa escolhida para ser utilizada neste trabalho foi a quantitativa/qualitativa. Na pesquisa qualitativa encontramos a possibilidade de extrair dados numéricos que asseguram a generalização dos resultados obtidos, enquanto a qualitativa gera dados mais ricos no tocante a análise, pois fornece dados que dão possibilidade ao pesquisador confrontar interpretações.

O instrumento utilizado foi o questionário, tanto para o professor como com os alunos. O questionário do professor foi elaborado de acordo com os moldes do método qualitativo, contendo doze perguntas de caráter aberto. Os questionários dos alunos seguiram os moldes do método quantitativo. Foram elaboradas nove perguntas objetivas (sim ou não) e uma de caráter discursivo. Dos vinte e seis alunos do curso, dezesseis puderam responder o questionário, o que corresponde a 61,54% do total de alunos.

Os questionários do professor e dos alunos foram aplicados em sala e para facilitar a análise e compreensão dos resultados apontados os dados foram divididos em blocos.

Questionário do Professor

As perguntas abordadas no questionário do professor são compostas por quatro blocos.

O primeiro bloco compreende questões pessoais e contém perguntas como nome, idade, sexo, formação acadêmica e histórico musical. Alguns desses dados foram apresentados no capítulo anterior, na seção Perfil do professor, porém serão retomados nesta análise.

No segundo bloco foram abordadas questões relacionadas à metodologia utilizada pelo professor, quais são os autores em que são baseadas suas aulas e atitudes em sala de aula.

O terceiro bloco compreende questionamentos relacionados ao ensino de música e aspectos do ensino coletivo de um instrumento musical, quais as percepções do professor sobre o assunto, qual sua motivação em escolher o ensino coletivo.

- **Bloco 01: questões pessoais**

Com a devida autorização do professor publicaremos o seu nome nesta pesquisa.

Nome	David Harlyson P. Silva
Idade	26
Sexo	Masculino
Formação acadêmica	Licenciado em Francês e Português
Tempo de docência	9 anos
Histórico musical	Iniciou seus estudos musicais em 1997, em 1999 entrou para o corpo de músicos da OFEG e iniciou a docência em teclado em 2003.

TAB 01 Fonte: Dados da pesquisa, 2012

- **Bloco 02: metodologia utilizada**

No decorrer do trabalho citamos que o professor de teclado da escola de música do DEMAD da IEADERN não possui formação em curso superior em música. Ele foi indicado à docência por ter sido aluno da escola e ter aprendido teclado na igreja.

A pergunta 04 questiona o professor quanto à metodologia por ele utilizada, já que sua formação acadêmica é na área de letras. Ele fundamenta suas aulas no que construiu durante o seu curso, as experiências com alunos de línguas estrangeiras e do próprio português são transformadas em metodologia e empregadas nas aulas de teclado.

Suas aulas são baseadas na colaboração entre alunos, fundamentada em Vygotsky, que propõe que o nível de aprendizado é alcançado quando o professor possibilita ao aluno o acesso a um nível de conhecimento superior ao atual e desta forma os alunos menos experientes são beneficiados com a interação do professor com os mais experientes.

O professor relatou que:

Piaget e Vygotsky são meu embasamento teórico para a condução de um ambiente de aprendizado em grupo. No curso de letras, aprendi com eles a como conduzir didaticamente uma aula de língua portuguesa ou de língua estrangeira. Essas aulas são, obviamente, em grupo. A partir das minhas experiências no curso de letras, adaptei a metodologia de ensino de uma

língua para o ensino da música. Dessa forma, pode trazer alguns conceitos, como:

- aprendizagem colaborativa, onde todos participam ativamente da construção de um saber comum e de interesse de todos;
- mediação do aprendizado, que caracteriza o papel do professor em sala de aula como um facilitador da aquisição do conhecimento; ou seja, ele não é o dono do saber nem personagem principal do contexto de aprendizado, mas apenas conduz o aluno a ele. Além disso, não é apenas o professor que desempenha esse papel, mas os alunos também mediam o aprendizado entre si, pois, como exposto pelo pedagogo Paulo Freire, os alunos não são “tábulas rasas”, ou seja, não são despidos de saber, mas trazem consigo conhecimentos prévios que colaboram na construção do conhecimento do outro;
- zona de desenvolvimento proximal, que consiste em apresentar o conhecimento novo sempre em um nível mais alto que o já disposto pelos alunos e de uma forma em que todos possam alcançá-lo. O papel do professor é dar pistas e o próprio aluno constrói o conhecimento a partir do levantamento de hipóteses e sua verificação;
- motivação, que é o despertar do interesse nos alunos pela busca ao conhecimento;
- autonomia, sendo a forma de adquirir o conhecimento. Nas aulas colaborativas, o aluno não é dependente do professor para adquirir o conhecimento, mas o próprio responsável por esse processo (DAVID HARLYSON, 2012).

O professor não se vê como único mediador de conhecimento. Os alunos conseguem encontrar uns nos outros esse personagem. Motivar e incentivar a autonomia são dois aspectos importantes para o ensino em grupo, pois os alunos conseguem não somente trocar experiências, mas ver-se como agente participante do processo de aprendizado.

Baseado na teoria de desenvolvimento proximal de Vygotsky (1989), que propõe a interação e partilha de conhecimento, pode-se observar que o professor de teclado embasa suas aulas na troca de saberes e experiências entre os alunos.

- **Bloco 03: aspectos do ensino em grupo**

As questões apontadas neste bloco fazem referência aos aspectos de educação musical e questionamentos ao ensino em grupos. A pergunta de número 2 questiona qual a visão do professor sobre a educação musical. Ele observa que:

Educação musical significa repassar aos alunos toda a experiência vivida no decorrer da carreira profissional atrelada ao conhecimento teórico da música e embasada por conhecimentos didáticos a fim de efetivar uma melhor relação professor-aluno e ensino-aprendizagem (DAVID HARLYSON, 2012).

A resposta do professor David Harlyson, complementa o conceito de educação musical dado no capítulo 2, que define educação musical como sendo o processo de capacitação musical do alunos com objetivos múltiplos, indo desde o aumento de seu conhecimento musical à formação de um ser sociável.

A questão de número 3 tenta esclarecer se qual é a concepção do professor sobre o ensino coletivo e se é considerado por ele como eficiente. Em sua resposta observamos que:

Ensino em grupo significa agrupar pessoas com níveis de conhecimento e interesses em comum com objetivo de agregar conhecimento de forma colaborativa. Acredito sim ser eficaz tanto pelo embasamento teórico fornecido por autores conceituados como Piaget e Vygotsky como pela própria experiência pessoal vivida em sala de aula (DAVID HARLYSON, 2012).

A resposta dada pelo professor reforça o que é dito por Tourinho, quando conceitua o ensino coletivo como transposição inata de comportamento humano de observação e imitação para o aprendizado musical (TOURINHO, 2007).

A questão de número 6 pergunta ao professor se ele consegue atender às necessidades dos alunos. Ele relata que:

É outro ponto sensível. De uma maneira geral, sim, mas temos que ver que todos eles têm necessidades diferentes, sendo às vezes impossível de atender a todos de forma específica. Existe também outra questão paralela a essa: atender a todas as necessidades de cada aluno. Da mesma forma, não é possível chegar a tal ponto, pois cada aluno tem necessidades específicas e intangíveis ao professor. Esses pontos não são críticos apenas em aulas em grupo, pois em aulas individuais o professor tem a mesma dificuldade. Na metodologia adotada nas aulas em grupo, essa lacuna pode ser suprida pelo incentivo à autonomia. Como o professor não pode abarcar as necessidades de todos nem todas as necessidades de cada um, ele traça o plano geral e cada aluno busca de forma autônoma preencher com suas necessidades específicas. Isso acontece muito com relação ao repertório usado nas aulas. Como se trata de uma instituição religiosa, o repertório proposto é o usado nas igrejas. Assim, o aluno que procura a escola que não faz parte do círculo religioso acaba aprendendo as músicas e a teoria usada por trás delas e as adapta às músicas de sua preferência (DAVID HARLYSON, 2012).

É possível observar que o professor de Harlyson ao afirmar que atua estimulando a educação para autonomia tem fundamento em teóricos, como Montandon (2004) que afirma “[...] acreditamos na educação para autonomia [...]”. É possível perceber que ele busca mostrar ao aluno o que e como fazer com as ferramentas que lhe são disponibilizadas/ensinadas.

A pergunta de número 7 questiona ao professor se ele já ministrou aulas de teclado individual. A resposta foi positiva; diante disso, a questão de número 8 perguntou quais foram as principais diferenças identificadas por ele.

A dinâmica da aula é diferente. Em aulas individuais, às vezes não é possível trazer alguns dos ensinamentos de Piaget e Vygotsky, pois não há construção colaborativa do saber. Percebo também que a motivação é menor, pois o ambiente possui menos pessoas para trocar experiências e assim motivar. A autonomia do aluno também é menor, pois ele está o tempo todo sob inspeção do professor (DAVID HARLYSON, 2012).

Esta resposta reforça a proposta deste trabalho e as teorias apresentadas durante a fundamentação, ou seja, o ensino coletivo é motivador e auxilia da construção do conhecimento de forma a colaborar com o crescimento de todos os alunos.

Quando questionado sobre quais as principais dificuldades encontradas durante as aulas coletivas, o professor ressaltou que a maior dificuldade encontra-se em atender as necessidades de todos os alunos.

É justamente a questão das necessidades. Às vezes, é preciso um “jogo de cintura” para que a aula possa conter aspectos que atendam a todos. Não é em 100% das vezes que conseguimos, mas de maneira satisfatória, sim (DAVID HARLYSON, 2012).

Percebe-se na fala do professor David Harlyson o que é dito por Almeida (2004), quando ressalta que:

Cada um tem o seu próprio tempo, que é muito mais variável do que se imagina inicialmente. Talvez resida aqui a maior dificuldade para a aplicação do ensino coletivo (ALMEIDA, 2004 p. 27).

Assim, respeitar o ritmo dos alunos, fazê-los compreender que o ensino em grupo possibilita maior interação e auxilia o desenvolvimento musical torna-se fundamental para a condução das aulas. Ministrando o conteúdo de forma abrangente, mostrando os resultados obtidos durante cada aula.

O ensino coletivo de instrumentos permite que o saber musical, passo a passo, acompanhe o fazer musical numa combinação prática, harmoniosa e proveitosa, e deve ser ministrado de maneira simples e agradável (ALMEIDA, 2004).

Questionário dos Alunos

O questionário aplicado aos alunos foi dividido em três blocos. O bloco de número 1 traz questionamentos pessoais como idade e sexo. O segundo bloco questiona os alunos sobre

o histórico do aprendizado musical. E o terceiro bloco mostra como os alunos veem as aulas em grupo. Ainda no terceiro bloco alguns depoimentos serão citados.

- **Bloco 01: Quem são os alunos**

Por questões éticas não divulgaremos os nomes dos alunos. Desta forma cada aluno recebeu um número, sendo Aluno 1, Aluno 2 , até completar Aluno 16.

Alunos			
Nome	Idade	Sexo	
Aluno 1	42	Feminino	
Aluno 2	51	Feminino	
Aluno 3	14	Feminino	
Aluno 4	-	Feminino	
Aluno 5	17	Feminino	
Aluno 6	17		Masculino
Aluno 7	39		Masculino
Aluno 8	54	Feminino	
Aluno 9	59	Feminino	
Aluno 10	10		Masculino
Aluno 11	53	Feminino	
Aluno 12	9		Masculino
Aluno 13	9		Masculino
Aluno 14	13		Masculino
Aluno 15	13		Masculino
Aluno 16	11		Masculino

TAB 02 Fonte: Dados da pesquisa, 2012

Dos dezesseis alunos que responderam a pesquisa oito são homens e oito mulheres.

- **Bloco 02: histórico musical dos alunos**

A pergunta de número 1 questionou os alunos se eles já haviam estudado em outra instituição de ensino, o gráfico abaixo mostra o quantitativo de respostas.

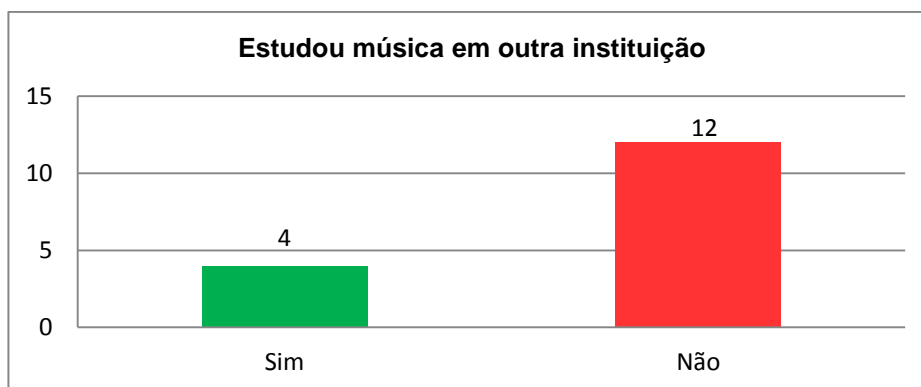


GRÁFICO 1 Fonte: Dados da pesquisa, 2012

Dos dezesseis alunos apenas 25% tiveram aula música em outras instituições. É possível observar que boa parte dos alunos que estudam teclado iniciaram sua vida musical na escola de música da IEADERN (GRÁFICO 1).

A questão de número 2 perguntou se os alunos já tiveram aulas de música individualmente. Observando os dados abaixo vemos que 56% dos alunos já tiveram aula de teclado individualmente (GRAFICO 2).

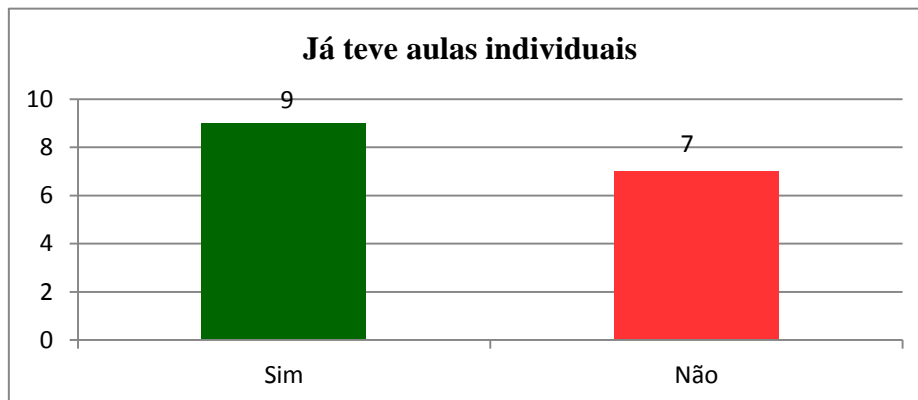


GRÁFICO 2 Fonte: Dados da pesquisa, 2012

Nas questões do bloco 3 abordaremos aspectos mais relevantes sobre a resposta a questão número 2.

A pergunta número 3 questionou se alunos pretendiam continuar estudando música após o término do curso de teclado e 94% disseram que sim, pretendem continuar (GRÁFICO 3).

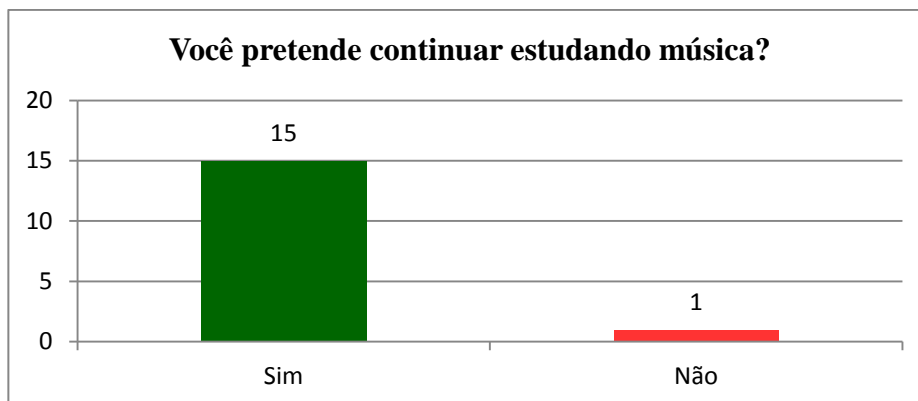


GRÁFICO 3

Fonte: Dados da pesquisa, 2012

- **Bloco 03: As aulas em grupo: percepções e depoimentos**

As questões que seguem são relacionadas à percepção dos alunos sobre as aulas de música em grupo.

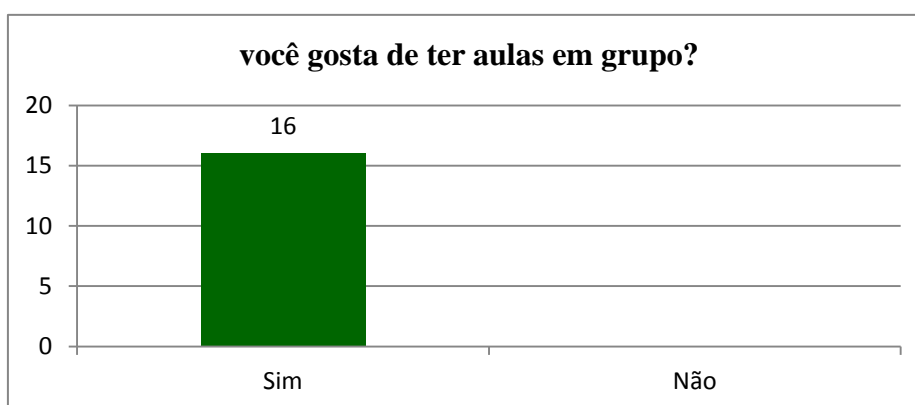


GRÁFICO 4

Fonte: Dados da pesquisa, 2012

Os alunos foram questionados se acreditam que o ensino em grupo atrapalha o desenvolvimento musical deles. O gráfico 5 apresenta os resultados (GRÁFICO 5).

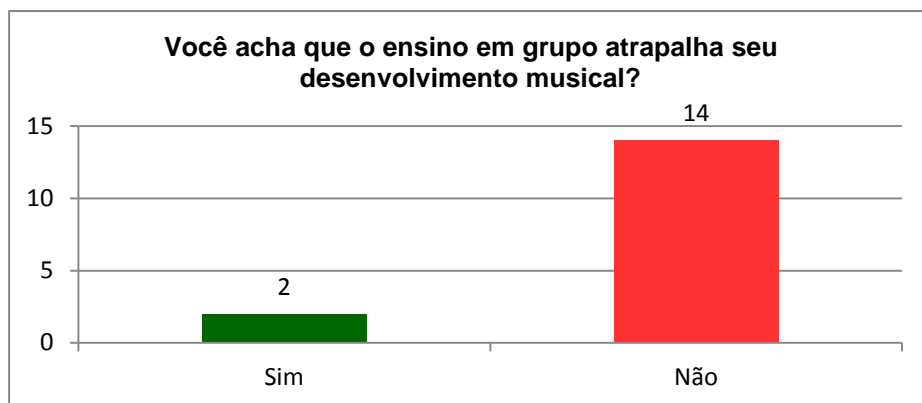


GRÁFICO 5

Fonte: Dados da pesquisa, 2012

O gráfico abaixo mostra outro ponto contraditório, pois 100% dos alunos responderam que os colegas contribuem com seu aprendizado.

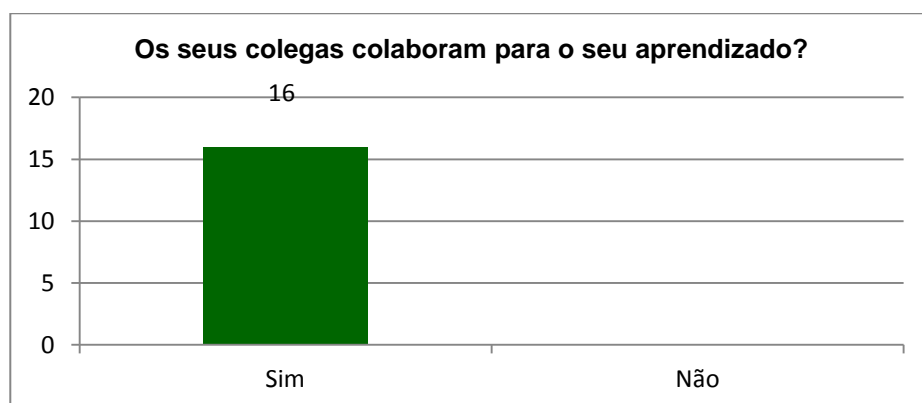
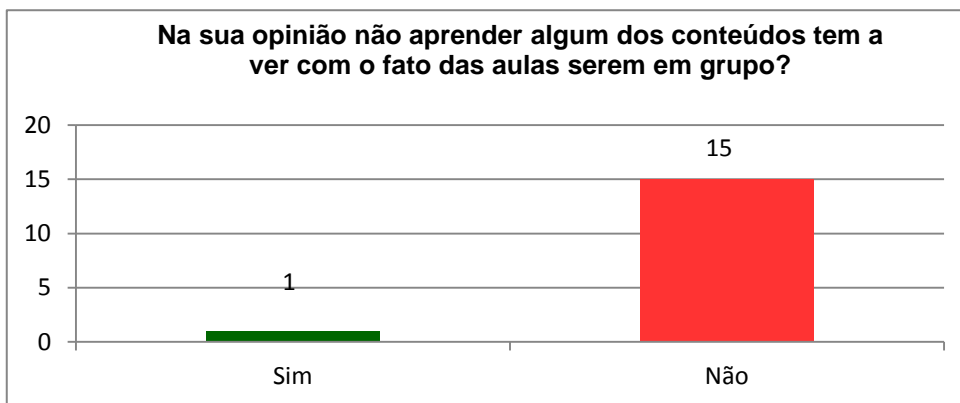


GRÁFICO 6

Fonte: Dados da pesquisa, 2012

No gráfico que segue questionamos os alunos se eles acreditavam no fato de deixarem de aprender algum conteúdo pelas aulas serem em grupo. Apenas um aluno respondeu que sim; os outros 94% não acreditam que perdem alguma coisa pelas aulas serem em grupo.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012

Os dois gráficos que seguem questionam aos alunos se eles acreditam que o professor consegue dar atenção a todos os alunos presentes em sala de aula e se eles estão satisfeitos com o que é ensinado.

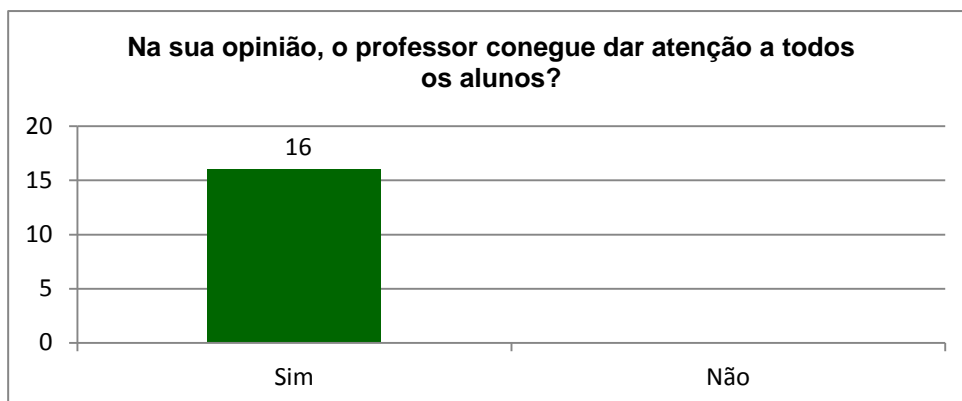


GRÁFICO 8

Fonte: Dados da pesquisa, 2012

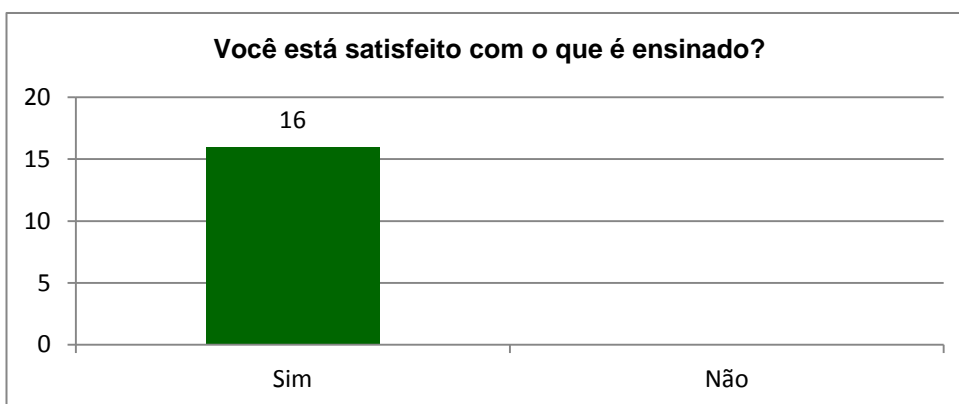


GRÁFICO 9

Fonte: Dados da pesquisa, 2012

A última questão pede aos alunos que escrevam um comentário com a visão de cada um relacionada ao ensino coletivo. Os depoimentos fornecidos pelos alunos reforçam o que foi apresentado nos gráficos. Selecionamos os depoimentos mais significativos.

Depoimento do Aluno 1:

A participação do grupo até facilita o nosso aprendizado, a dificuldade de um ou até a dificuldade de outros para aprender acaba ajudando-nos de alguma forma (ALUNO 1).

Depoimento Aluno 3:

Para mim o ensino que estou tendo está me ajudando a progredir. Certamente tenho aula de música no colégio e aqui no curso de teclado. Futuramente irei me formar em música, portanto tudo isso colabora para o meu aprendizado. Sem falar que aprendi coisas que eu nem sabia que existia, por isso me dedico fortemente porque gosto do que eu faço e do que sei tocar. Gosto das aulas de teclado, me interessa bastante por elas e acho as notas, acordes e cifras fascinantes (ALUNO 3).

Depoimento Aluno 6:

Eu acho as aulas em grupo muito bom, porque às vezes meus colegas tiram dúvidas que nós podemos ter na frente (ALUNO 6).

Depoimento Aluno 7:

As aulas em grupo são muito importantes, pois individualmente acaba sendo muito monótono. Mas se o grupo for muito grande pode atrapalhar um pouco a questão da atenção de todos (ALUNO 7).

Depoimento Aluno 9:

Eu gosto porque às vezes um aluno nos ajuda a tirar uma dúvida que às vezes o professor não entendeu muito bem nossa pergunta, aí ajuda a esclarecer (ALUNO 9).

Depoimento Aluno 10:

São muito legais, o professor ensina bem, ele é legal, brincalhão e consegue dar atenção a todos, por isso vou continuar tendo aulas de música (ALUNO 10).

Depoimento Aluno 14:

As aulas em grupo estimulam a formação de novas amizades através da música, por isso eu apoio esse tipo de aula (ALUNO 14).

Depoimento Aluno 15:

As aulas em grupo facilitam, porque se outro aluno tiver duvidas o outro ajuda como pode (ALUNO 15).

Depoimento Aluno 16:

Muito legal! Com os outros aprendo muito mais! (ALUNO 16).

É possível observar a existência de pequenas divergências nas respostas dos gráficos acima. Porém, os alunos em sua maioria acreditam no ensino coletivo como um bom método de partilha de conhecimento, aprendizado, criação de laços afetivos e motivador em momentos de dificuldade.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa tenta responder à questões relacionadas à metodologia utilizada pelo professor, analisar as impressões dos alunos sobre as aulas coletivas e seu desenvolvimento em sala e quais os principais pontos relacionados ao ensino coletivo de teclado. Desta forma, a análise de dados destaca que a metodologia utilizada pelo professor de teclado contribui para o sucesso de suas aulas; a forma como ele aplica os métodos da área de letras para o ensino musical possibilita a fluência da aula e contribui estimulando os alunos à participarem delas. Durante a fala do professor é possível observar que ele aplica metodologias que são utilizadas por professores de música, porém de forma inconsciente. Outro ponto relevante é a forma como ele conduz a aula, sempre inicia questionando ao grupo sobre os exercícios aplicados na aula anterior e conduz os alunos construindo com eles um raciocínio lógico. Durante essa construção ocorre o que muitos alunos citaram nos depoimentos quando dizem que em alguns momentos tem dúvidas e os colegas ajudam a esclarecer, ou quando o professor não entende a pergunta e outro colega que entendeu explica de uma maneira melhor.

Os gráficos e depoimentos apresentados contribuem para afirmar que os alunos se sentem à vontade com o ensino coletivo e que acreditam que parte de seu desenvolvimento musical se dá pelo fato das aulas serem em grupo. Assim, é possível perceber que as aulas coletivas de teclado não são mero ajuntamento de pessoas em sala pra que a hora/aula se torne mais lucrativa. Porém, há construção conjunta de conhecimento, há partilha de experiências

musicais e conhecimento de mundo e ainda há criação de laços afetivos que contribuem com a permanência dos alunos durante todo o curso.

Esta pesquisa destaca alguns aspectos musicais e não musicais importantes sobre o ensino coletivo de teclado do departamento de música da IEADERN, tais como:

- O estímulo à construção conjunta de conhecimento, respeito mútuo, cooperação e motivação entre os alunos;
- O desenvolvimento do repertório de maneira mais lúdica e mais rápida;
- A economia de tempo, pela possibilidade de unir vários alunos em uma sala e ensinar a todos ao mesmo tempo;
- A dedicação do professor em buscar novas estratégias de ensino e readequar seus conhecimentos para a área do ensino musical.

Como apontado em algumas respostas, uma pequena porcentagem dos alunos respondeu que o ensino coletivo atrapalha seu desenvolvimento. Como observado no segundo capítulo, que trata das dificuldades encontradas na prática do ensino, é possível destacar que para essa porcentagem de alunos que se sentem prejudicadas com o coletivo, pode optar pelo ensino individual. Este por sua vez é um modelo de ensino válido principalmente para alunos que estão em um nível musical mais avançado.

Portanto, a partir da averiguação e análise de dados que constatou a relevância da prática do ensino coletivo de um instrumento musical, conclui-se que o ensino coletivo de teclado na escola de música da IEADERN contribui significativamente para o desenvolvimento musical dos alunos do curso de teclado.

REFERÊNCIAS

BABBIE, Earl. **Métodos de pesquisa de survey. Tradução de Guilherme Cezarino.** 2. ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999. 519p. Original inglês.

BRITO, Maria Isabel. **Logística orientada para o cliente: um estudo exploratório na atividade de distribuição de computadores na gerência de atendimento de tecnologia da informação e telecomunicações de em empresa petrolífera do RN.** Trabalho de conclusão de curso apresentado à Coordenação do curso de Graduação em Administração da UFRN, 2012.

CALLEJA, José Manuel Ruiz. **Os professores deste século. Algumas reflexões.** Revista Institucional Universidad Tecnológica del Chocó: Investigacion, Biodiversidad e Desarrollo 2008; 27(1): 109 – 117

CRUVINEL, Flávia Maria. **Educação musical e transformação social: uma experiência com ensino coletivo de cordas.** Goiânia: Instituto Centro-Brasileiro de Cultura, 2005.

FERREIRA, Aurelio B. de H. Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. Positivo, 3ed. 2004

FREITAS, Henrique et al. **O método de pesquisa Survey,** 1999.

GÜNTHER, Hartmut. **Pesquisa Qualitativa Versus Pesquisa Quantitativa: Esta É a Questão?** Universidade de Brasília. Psicologia: Teoria e Pesquisa. Mai-Ago 2006, Vol. 22 n. 2, pp. 201-210.

IEADERN, Site oficial da Assembleia de Deus no RN.

Site:http://www.adnatal.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=46&Itemid=28. Acesso em: 30/09/2012

LIBÂNEO, José Carlos. **A didática e a aprendizagem do pensar e do aprender: a Teoria Histórico-cultural da Atividade e a contribuição de Vasili Davydov.** Universidade Católica de Goiás, 2004.

MONTANDON, Maria Isabel. **Ensino coletivo, Ensino em grupo: mapeando questões da área.** Anais I ENECIN, 2004

SCHAFFER, M. **O ouvido Pensante.** São Paulo: UNESP, 1991.

SILVA, David Harlyson Poroca. **DAVID HARLSYON.** Professor de Teclado da Escola de Música da IEADERM. [2012]. Entrevistador: Jemima de Moura Carvalho Feitosa. Natal, RN, 2012.

SOUZA, Priscila Gomes. **A Banda de Música da Igreja Evangélica Assembleia de Deus do Templo Central em Natal-RN.** Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Música da UFRN, 2009.

_____ **PRISCILA GOMES**. Maestrina titular do Coral Infante Juvenil Sementinha e regente auxiliar da Orquestra Filarmônica Evangélica Gênesis e professora de música no município do Natal/RN. [2012]. Entrevistador: Jemima de Moura Carvalho Feitosa. Natal, RN, 2012.

TOURINHO, Cristina. **Ensino Coletivo de Instrumentos Musicais**: crenças, mitos, princípios e um pouco de história¹. Revista ABEM, 2007

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989

APÊNDICE

APÊNDICE I

QUESTIONÁRIO DO PROFESSOR

Professor, este questionário faz parte de uma pesquisa para construção e análise de dados para elaboração de monografia que está sendo realizada no curso de música da UFRN. Neste Questionário, abordaremos questões sobre o ensino em grupo de teclado.

Nome: David Harlyson P. Silva

Idade: 26 anos

1. Qual a sua formação?

Sou formado em letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Possuo 2 habilitações: licenciatura em língua francesa (2008) e licenciatura em língua portuguesa (2012).

2. Qual a sua visão sobre educação musical?

Educação musical significa repassar ao alunos toda a experiência vivida no decorrer da carreira profissional atrelada ao conhecimento teórico da música e embasada por conhecimentos didáticos a fim de efetivar uma melhor relação professor-aluno e ensino-aprendizagem.

3. Qual a sua concepção sobre ensino coletivo? Você acredita que ele é eficaz?

Ensino em grupo significa agrupar pessoas com níveis de conhecimento e interesses em comum com objetivo de agregar conhecimento de forma colaborativa. Acredito sim ser eficaz tanto pelo embasamento teórico fornecido por autores conceituados como Piaget e Vygotsky como pela própria experiência pessoal vivida em sala de aula.

4. Qual método de ensino você utiliza?

Os autores citados são meu embasamento teórico para condução de um ambiente de aprendizado em grupo. No curso de letras, aprendi com eles a como conduzir didaticamente uma aula de língua portuguesa ou de língua estrangeira. Essas aulas são, obviamente, em

grupo. A partir das minhas experiências no curso de letras, adaptei a metodologia de ensino de uma língua para o ensino da música. Dessa forma, pude trazer alguns conceitos, como:

aprendizagem colaborativa, onde todos participam ativamente da construção de um saber comum e de interesse de todos;

mediação do aprendizado, que caracteriza o papel do professor em sala de aula como um facilitador da aquisição do conhecimento; ou seja, ele não é o dono do saber nem personagem principal do contexto de aprendizado, mas apenas conduz o aluno a ele. Além disso, não é apenas o professor que desempenha esse papel, mas os alunos também mediam o aprendizado entre si, pois, como exposto pelo pedagogo Paulo Freire, os alunos não são “tábulas rasas”, ou seja, não são despídos de saber, mas trazem consigo conhecimentos prévios que colaboram na construção do conhecimento do outro;

zona de desenvolvimento proximal, que consiste em apresentar o conhecimento novo sempre em um nível mais alto que o já disposto pelos alunos e de uma forma em que todos possam alcançá-lo. O papel do professor é dar pistas e o próprio aluno constrói o conhecimento a partir do levantamento de hipóteses e sua verificação;

motivação, que é o despertar do interesse nos alunos pela busca ao conhecimento;

e autonomia, sendo a forma de adquirir o conhecimento. Nas aulas colaborativas, o aluno não é dependente do professor para adquirir o conhecimento, mas o próprio responsável por esse processo.

5. Você tem domínio total sobre sua turma?

É complicado falar em domínio total, pois, em meu ver, nunca temos domínio total sobre as coisas, mas um domínio satisfatório. Esse sim, percebo tê-lo sobre a turma.

6. Você consegue atender às necessidades de todos os seus alunos?

É outro ponto sensível. De uma maneira geral, sim, mas temos que ver que todos eles têm necessidades diferentes, sendo às vezes impossível de atender a todos de forma específica. Existe também outra questão paralela a essa: atender a todas as necessidades de cada aluno. Da mesma forma, não é possível chegar a tal ponto, pois cada aluno tem necessidades específicas e intangíveis ao professor. Esses pontos não são críticos apenas em aulas em grupo, pois em aulas individuais o professor tem a mesma dificuldade. Na

metodologia adotada nas aulas em grupo, essa lacuna pode ser suprida pelo incentivo à autonomia. Como o professor não pode abarcar as necessidades de todos nem todas as necessidades de cada um, ele traça o plano geral e cada aluno busca de forma autônoma preencher com suas necessidades específicas. Isso acontece muito com relação ao repertório usado nas aulas. Como se trata de uma instituição religiosa, o repertório proposto é o usado nas igrejas. Assim, o aluno que procura a escola que não faz parte do círculo religioso acaba aprendendo as músicas e a teoria usada por trás delas e as adapta às músicas de sua preferência.

7. Você já deu aula de teclado individual? Caso a resposta seja “sim” responder a pergunta 8. Se a resposta for negativa responder a pergunta 9.

Sim.

8. Que diferenças você conseguiu identificar?

A dinâmica da aula é diferente. Em aulas individuais, às vezes não é possível trazer alguns dos ensinamentos de Piaget e Vygotsky, pois não há construção colaborativa do saber. Percebo também que a motivação é menor, pois o ambiente possui menos pessoas para trocar experiências e assim motivar. A autonomia do aluno também é menor, pois ele está o tempo todo sob inspeção do professor.

9. Para você, quais as maiores dificuldades encontradas na sala de aula?

É justamente a questão das necessidades. Às vezes, é preciso um “jogo de cintura” para que a aula possa conter aspectos que atendam a todos. Não é em 100% das vezes que conseguimos, mas de maneira satisfatória, sim.

10. Entre as diversas turmas que você dá aula, em alguma delas você percebe alguma dificuldade quanto ao fato das aulas serem em grupo? Caso a resposta seja positiva, favor, listar as principais?

Não, não percebi dificuldade por ser aula em grupo, justamente pelo exposto na pergunta anterior.

11. Você acredita que seus alunos conseguem desenvolver todo o conteúdo que é passado?

Mais uma vez, falar de “todo” é discutível. Não posso afirmar que todo conteúdo é absorvido, assim como acontece em aulas individuais. Mas posso falar sim em progressão satisfatória, e isso tem acontecido com os alunos.

12. Em linhas gerais descreva suas aulas.

As aulas possuem 1 hora de duração e são semanais. Por ser um tempo relativamente curto, busco otimizar o tempo que temos. O modelo de aula foi trazido do curso de letras e tem se mostrado bastante eficaz. Cada aluno possui seu instrumento com fones de ouvido para serem usados nos momentos de descobertas individuais.

Geralmente, as aulas começam com um aquecimento, que é um trabalho de recuperação dos conhecimentos passados nas aulas anteriores atrelado a preparação da parte física do corpo para os movimentos musculares que serão requisitados durante a aula. Como exemplo, essa etapa pode ser feita com a revisão de uma música já passada e que será continuada / aprofundada na aula. Dessa forma, recupera-se o que se aprendeu na aula anterior e prepara-se a musculatura dos dedos para a performance na aula. Essa etapa dura cerca de 10 minutos. Os alunos usam os fones de ouvido para não atrapalhar os colegas.

Em seguida, é apresentado o conhecimento novo aos alunos. De maneira contrária à adota pelas metodologias tradicionais de ensino, o produto é apresentado antes dos conceitos. Na abordagem tradicional, primeiro ensina-se os conceitos (a teoria) para depois levar os alunos a produzir (a prática). Na abordagem utilizada, primeiro pede-se a prática. É evidente que, como o conhecimento é novo, nem tudo será executado, mas boa parte sim, pois se considera o conhecimento prévio que o aluno já possui sobre o que foi pedido. Esse momento serve para que o aluno faça suas “descobertas” sobre o conhecimento novo apresentado e levante hipóteses sobre como executá-lo. Em seguida, vem a parte de levantamento das hipóteses, da verificação da veracidade de cada uma e da construção dos conceitos. Todos participam ativamente, despertando assim a motivação, a autonomia e a

construção colaborativa do saber. Para exemplificar, costumo passar para os alunos uma música que traga alguns conhecimentos novos para eles. Deixo à vontade para executá-la e levantar hipóteses de como lidar com o que ele ainda não conhece. Depois, fazemos um levantamento com todo o grupo sobre os pontos novos e construímos o conceito de cada um deles. Essa etapa dura cerca de 20 minutos

A etapa seguinte é a de retorno ao conhecimento apresentado no início. Ele não é mais novo, pois os alunos, colaborativamente, procederam à descoberta desse conhecimento. Agora é o momento de executá-lo. Nesse momento, o papel do professor é de “passear” pela sala e dedicar um tempo a cada um para sanar as possíveis dúvidas ou corrigir os erros, se for o caso. É o caso de um acorde novo que os alunos descobriram como ele é formado no momento da verificação das hipóteses levantadas. Agora, na fase de retorno à execução, é a hora de verificar se ele consegue tocá-lo satisfatoriamente. Essa etapa também dura cerca de 20 minutos.

A etapa final é a de execução em conjunto. São os 10 minutos finais da aula. Nesse momento, procedemos ao “teste final” da performance. Os alunos retiram seus fones de ouvido e começamos a tocar em conjunto. A partir daí, tanto o professor como o próprio aluno verificas e de fato ele conseguiu internalizar o conhecimento e executá-lo no instrumento de maneira satisfatória. Aos que não conseguiram, são propostas medidas corretivas para que o faça em casa. Na semana seguinte o ciclo reinicia no momento da revisão, pois os que conseguiram tocar de maneira satisfatória terão os 10 minutos iniciais para relembrar o que foi passado na aula e os que não conseguiram terão esse tempo para mostrar ao professor o progresso conseguido em casa.

APÊNDICE II

QUESTIONÁRIO DOS ALUNOS

Alunos, este formulário que irão responder faz parte de uma pesquisa para construção e análise de dados para elaboração de monografia que está sendo realizada por uma aluna da UFRN. Neste formulário abordaremos questões sobre o ensino coletivo (em grupo) do teclado.

É importante ressaltar que as respostas precisam ser sinceras pois esta pesquisa faz parte de um trabalho acadêmico científico. Não é necessário se identificar.

Você é: Homem () Mulher ()

Qual a sua idade? _____

1. Você já estudou música em outra instituição?
() Sim () Não
2. Você já teve aulas de instrumento individual?
() Sim () Não
3. Você gosta de ter aulas em grupo?
() Sim () Não
4. Na sua opinião, as aulas em grupo dificultam seu aprendizado?
() Sim () Não
5. Os seus colegas colaboram com seu aprendizado?
() Sim () Não
6. Na sua opinião o professor consegue dar atenção a todos os alunos?
() Sim () Não
7. Você está satisfeito com o que é ensinado?
() Sim () Não

8. Você está satisfeito com o que é ensinado?

Sim Não

9. Você acha que o ensino em grupo atrapalha seu desenvolvimento musical?

Sim Não

10. Você pretende continuar estudando música?

Sim Não

11. Escreva um breve comentário com sua opinião sobre as aulas em grupo:
